MARSHAL BERMAN – TUDO O QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR – Introdução – modernidade ontem, hoje e amanhã

Existe um tipo de experiência vital — experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida — que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como "modernidade". Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar".

P 15 - As pessoas que se encontram em meio a esse turbilhão estão aptas a sentir-se as primeiras, e talvez as últimas, a passar por isso; tal sentimento engendrou inúmeros mitos nostálgicos de um pré-moderno Paraiso Perdido. [...] Embora muitas pessoas tenham provavelmente experimentado a modernidade como uma ameaça radical a toda sua história e tradições, a modernidade, no curso de cinco séculos, desenvolveu uma rica história e uma variedade de tradições próprias.

Na esperança de ter algum controle sobre algo tão vasto quanto a história da modernidade, decidi dividi-la em três fases. Na primeira fase, do início do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem idéia do que as atingiu. Elas tateiam, desesperadamente mas em estado de semicegueira, no encalço de um vocabulário adequado; têm pouco ou nenhum senso de um público ou comunidade moderna, dentro da qual seus julgamentos e esperanças pudessem ser compartilhados. Nossa segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790. Com a Revolução Francesa e suas reverberações, ganha vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno público. Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização. No século XX, nossa terceira e última fase, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares

triunfos na arte e no pensamento. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em conseqüência disso, encontramo-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.

P 17 - Voz arquetípica da primeira fase, antes das revoluções francesa e americana – Rousseau

Romance ***A Nova Heloisa*** – Saint_Preux escreve à sua amada, Julie, das profundezas do *tourbillon social*, tentando transmitir-lhe suas fantasias e apreensões. Ele experimenta a vida metropolitana como "***uma permanente colisão de grupos e conluios, um contínuo fluxo e refluxo de opiniões conflitivas. (...) Todos se colocam***

frequentemente em contradição consigo mesmos" , e "tudo é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo"...

Após alguns meses nesse meio,

eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar.

[...]

Se nos adiantarmos cerca de um século, para tentar identificar os timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX, a primeira coisa que observaremos será a nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna.

Paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas zonas industriais; prolificas cidades que cresceram do dia para a noite....

P 18 - **Pode-se ter uma ideia da complexidade e riqueza do modernismo do século XIX, assim como das unidades que alimentam sua multiplicidade, prestando atenção a duas de suas vozes mais distintas: Nietzsche e Marx**

Ver p. 18 a 22

P 22 – Notável e peculiar na voz que Marx e Nietzsche compartilham não é só o seu ritmo afogueado, sua vibrante energia, sua riqueza imaginativa, mas também sua **rápida e brusca mudança de tom e inflexão, sua prontidão em voltar-se contra si mesma, questionar e negar tudo o que foi dito**, transformar a sua mesma em um largo espectro de vozes harmônicas ou dissonantes ...na tentativa de expressar e agarrar um mundo onde tudo está impregnado de seu contrário, um mundo "onde tudo o que é solido desmancha no ar". ...Irônica e contraditória, polifônica e dialética, essa voz denuncia a

vida moderna em nome de valores que a própria modernidade criou, na esperança – não raro desesperançada – de que as modernidades do amanhã e do dia depois de amanhã possam curar os ferimentos que afligem o homem e a mulher modernos de hoje.

P 23 – O que aconteceu, no século XX, ao modernismo do século XIX?

P 23 - De vários modos, prosperou e cresceu para além de suas próprias esperanças selvagens. Na pintura e na escultura, na poesia e no romance, no teatro e na dança, na arquitetura e no design....nosso século produziu uma assombrosa quantidade de obras e ideias da mais alta qualidade. **O século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da humanidade** [...] Ainda assim, parece-me, não sabemos como usar o nosso modernismo; nós perdemos ou rompemos a conexão entre nossa cultura e nossas vidas. ...Nosso século fomentou uma espetacular arte moderna; porém, nós, parece que esquecemos como apreender a vida moderna de que essa arte brota. O pensamento moderno, desde Marx e Nietzsche, cresceu e se desenvolveu, de vários modos; não obstante, **nosso pensamento acerca da modernidade parece ter estagnado e regredido.**

P.23 -

Se prestarmos atenção àquilo que escritores e pensadores do século XX afirmam sobre a modernidade e os compararmos àqueles de um século atrás, encontraremos um radical achatamento de perspectiva e uma diminuição do espectro imaginativo. Nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra suas ambigüidades e contradições; sua auto-ironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo. Seus sucessores do século XX resvalaram para longe, na direção de rígidas polarizações e totalizações achatadas. A modernidade ou é vista com um entusiasmo cego e acrítico ou é condenada segundo uma atitude de distanciamento e indiferença neo-olímpica; em qualquer caso, é sempre concebida como um monolito fechado, que não pode ser moldado ou transformado pelo homem moderno. Visões abertas da vida moderna foram suplantadas por visões fechadas: Isto *e* Aquilo substituídos por Isto *ou* Aquilo.

P 24 – As polarizações básicas se manifestam exatamente no início do nosso século. Eis aí os **futuristas italianos**, defensores apaixonados da modernidade, nos anos que antecedem a Primeira Guerra Mundial...Aí não há ambiguidades: "tradição" – todas as tradições da humanidade atiradas no mesmo saco – se iguala simplesmente a dócil escravidão, e modernidade se iguala a liberdade; caminhos unilateralmente fechados

P.25 -

Os futuristas levaram a celebração da tecnologia moderna a um extremo grotesco e autodestrutivo, garantia de que suas extravagâncias jamais se repetiriam. Mas o seu acrítico namoro com as máquinas, combinado com o profundo distanciamento do povo, ressurgiria em formas menos bizarras, no entanto mais longevas. Deparamos com essa espécie de modernismo, após a Primeira Guerra Mundial, nas formas refinadas da "máquina estética", as tecnocráticas pastorais de Bauhaus, Gropius e Mies van der Rohe, Le Corbusier e Léger, o *Ballet Mécanique*. Vemo-lo de novo, após outra guerra mundial, na alta tecnologia espacejada das rapsódias de Buckminster Fuller e Marshall McLuhan e no *Choque do Futuro*, de Alvin Toffler. Em *Understanding Media*, de McLuhan, publicado em 1964, lemos:

O computador, em poucas palavras, promete através da tecnologia a possibilidade pentecostal de entendimento e unidade universais. O próximo passo lógico parece ser (...) ultrapassar as linguagens em favor de uma generalizada consciência cósmica. (...) A condição da "ausência de peso" que, segundo os biologistas, representará a imortalidade física, deve ser posta em paralelo com a condição da ausência da fala, que poderá significar a perpetuidade da paz e harmonia coletiva.[9]

P 26 – Se nos movermos para o polo oposto do pensamento do século XX, que declara um enfático "Não!" á vida moderna, encontraremos uma visão surpreendentemente semelhantes do que seja a vida. No desfecho de *A ética Protestante e o Espirito do Capitalismo*, escrito em 1904, Weber afirma que todo o "poderoso cosmo da moderna ordem econômica" é como "um cárcere de ferro". Essa ordem inexorável, capitalista,

legalista e burocrática “determina a vida dos indivíduos que nasceram dentro desse mecanismo (...) com uma forma irresistível”.

P 26 - Os críticos do sec. XIX – chegaram a compreender como a tecnologia moderna e a organização social condicionaram o destino do homem, porém, todos eles acreditavam que os homens modernos tinham a capacidade não só de compreender esse destino, mas também de, tendo-o compreendido, combatê-lo. Assim, mesmo em meio a um presente tão desafortunado, eles poderiam imaginar uma brecha para o futuro.

OS CRITICOS DA MODERNIDADE, NO SECULO XX, CARECEM QUASE INTEIRAMENTE DESSA EMPATIA COM A FÉ EM SEUS CAMARADAS, HOMENS E MULHERES MODERNOS.... Não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espirito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal...Aqui, como nas formas futuristas e tecnopastorais do modernismo, **o homem moderno como sujeito – como um ser vivente capaz de resposta, julgamento e ação sobre o mundo – desapareceu.**

P 27

Mais surpreendente e mais perturbadora é a extensão que essa perspectiva atingiu entre alguns dos democratas participativos da recente Nova Esquerda. Porém, foi isso o que aconteceu, ao menos por algum tempo, no fim da década de 1960, quando o ensaio de Herbert Marcuse, *O homem unidimensional*, tornou-se o paradigma dominante de certo pensamento crítico. De acordo com esse paradigma, tanto Marx como Freud são obsoletos: não só lutas de classes e lutas sociais, mas também conflitos e contradições psicológicos foram abolidos pelo Estado de “administração total”. As massas não têm ego, nem id, suas almas são carentes de tensão interior e dinamismo; suas idéias, suas necessidades, até seus dramas “não são deles mesmos”; suas vidas interiores são “inteiramente administradas”, programadas para produzir exatamente aqueles desejos que o sistema social pode satisfazer, nada além disso. “O povo se auto-realiza no seu conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas.” [12]

P 28 – Isso veio a ser um refrão familiar no sec.XX, partilhado por aqueles que amam e por aqueles que odeia o mundo moderno: **a modernidade é constituída por suas máquinas, das quais os homens e mulheres modernos não passam de reproduções mecânicas.** Mas isso é apenas uma caricatura da tradição moderna do sec. XIX, em cuja órbita Marcuse declarou mover-se, a tradição crítica de Hegel e Marx. **Invocar esses pensadores rejeitando sua visão da história como atividade incansável, contradição dinâmica, luta e progresso dialéticos é reter pouca coisa além dos seus nomes**.

O paradigma unidimensional proclamava que nenhuma mudança era possível e que, de fato, esse povo nem sequer estava vivo. Dois caminhos se abriram a partir daí. Um deles foi a pesquisa em torno de uma vanguarda que estivesse inteiramente "fora" da sociedade moderna: "o substrato dos proscritos e marginais, os explorados e perseguidos por outras raças e outras cores, os desempregados e os inempregáveis".Esses grupos podiam qualificar-se como vanguarda revolucionária, porque supostamente não haviam sido tocados pelo beijo da morte da modernidade. **TAL PESQUISA SE VÊ CONDENADA CERTAMENTE À FUTILIDADE; NINGUEM NO MUNDO CONTEMPORANEO É OU PODE SER 'MARGINAL".**

PARA OS RADICAIS QUE COMPREENDERAM ISSO, AINDA QUE TOMASSE A SÉRIO O PARADIGMA UNIDIMENSIONAL, A ÚNICA VAVULA DE ESCAPE FOi A FUTILIDADE E O DESESPERO.

P 28 – A volátil atmosfera dos anos 60 gerou um amplo e vital corpus de pensamento e controvérsias sobre o sentido último da modernidade. Muito do que houve de mais interessante nesse pensamento girou em torno da natureza do modernismo. O modernismo nos anos 60 pode ser grosseiramente dividido em 3 tendências, com base na sua atitude diante da vida moderna. Afirmativo, negativo e ausente.

AUSENTE: é aquele que se esforça por ausentar-se da vida moderna (Barthes, Greenberg). Greenberg afirmou que a única preocupação legítima da arte modernista

era com a própria arte; mais ainda, que o único foco adequado para um artista, em qualquer forma ou gênero, era a natureza e o limite desse gênero: o meio é a mensagem, ...O modernismo, então, se tona a procura de uma arte-objeto pura. Auto-referida. E assim foi: a adequada relação entre arte moderna e vida moderna veio a ser a ausência de qualquer relação. Barthes coloca essa ausência debaixo de uma luz positiva: o escritor moderno " volta as costas para a sociedade e confronta o mundo dos objetos, recusando-se a caminhar através de quaisquer das formas da História ou da vida social". O modernismo aparece, desse modo, como uma grande tentativa de libertar os artistas modernos das impurezas e vulgaridades da vida moderna. Muitos artistas e escritores são gratos a esse modernismo por estabelecer a autonomia e dignidade de suas atividades.

MAS POUCOS ARTISTAS E ESCRITORES MODERNOS PACTURAM COM ESSE MODERNISMO POR MUITO TEMPO: UMA ARTE DESPROVIDA DE SENTIMENTOS PESSOAIS E DE RELAÇÕES SOCIAIS EsTÁ CONDENADA A PARECER ÁRIDA E SEM VIDA, EM POUCO TEMPO

P 29 – Modernismo negativo: Ao lado disso tivemos a visão de um modernismo como interminável, permanente revolução contra a totalidade da existência moderna: foi uma "tradição de destruir a tradição (Rosenberg), uma "cultura de combate"(Trilling), uma "cultura da negação (Poggioli)...Esse modernismo busca a violenta destruição de todos os nossos valores e se preocupa muito pouco em reconstruir os mundos que põe abaixo. ...Deixa de lado a grande epopeia da construção, uma forma crucial do modernismo, de Carlyle e Marx a Tatlin e Calder, Corbusier e Wright...Deixa de lado toda a força afirmativa e positiva em relação à vida, que nos grandes modernistas vem sempre entrelaçada com a sublevação e a revolta

P 30 – Existe ainda outro aspecto nessa ideia de modernismo como nada além de perturbação: ela implica um modelo ideal de sociedade moderna isento de perturbações. Com isso , põe de lado o "permanente distúrbio das relações sociais, a interminável incerteza e agitação" que ao longo de duzentos anos tem sido os fatos básicos da vida moderna.

P 30 – Modernismo afirmativo: desenvolvida nos anos 60 por escritores como Cage, McLuhan, Leslie Fiedler, Sontag, Venturi. Coincidiu com a aparição da pop-art. Seus temas dominantes eram que nós devemos "despertar para a verdadeira vida que vivemos"(Cage) e "cruzar a fronteira, eliminar a distância"(Fiedler). **Isso significou eliminar as fronteiras entre a "arte" e as demais atividades humanas, como o entretenimento comercializado, a tecnologia industrial, a moda e o design, a política**.

Para os modernistas desse tipo, que às vezes se autodesignam "pós-modernistas", o modernismo da forma pura e o modernismo da pura revolta eram ambos muito estreitos, muito autoindulgentes, muito castradores do espirito moderno. Seu ideal era **cada um abrir-se à imensa variedade e riqueza de coisas, materiais e ideias, que o mundo moderno inesgotavelmente oferece**. ...Esse modernismo pop recriou a abertura para o mundo, a generosidade dos grandes modernistas do passado...Mas nunca aprendeu a recapturar seu lado crítico.

P 32 -

Todos os modernismos e antimodernismos dos anos 60 se viram, portanto, seriamente comprometidos. Porém, sua despojada plenitude, assim como sua intensidade e vitalidade de expressão, geraram uma linguagem comum, uma ambiência vibrante, um horizonte comum de experiência e desejo. Todas essas visões e revisões da modernidade constituíram orientações ativas em relação à história, tentativas de conectar o conturbado presente com o passado e o futuro, a fim de ajudar homens e mulheres de todo o mundo contemporâneo a se sentirem em casa nesse mundo. Todas essas iniciativas falharam, mas nasceram da largueza de vistas e de imaginação e de um ardente desejo de se atualizar. Foi a ausência de tais visões e iniciativas generosas que fez dos anos 70 uma década insípida. Virtualmente ninguém hoje parece interessado em estabelecer as amplas conexões humanas que a idéia de modernidade implica. Por isso, o discurso e a controvérsia sobre o sentido da modernidade, tão acesos dez anos atrás, praticamente deixaram de existir.

Anos 1970 – pós-estruturalismo/pós-modernismo

P 32 - Muitos artistas e trabalhadores intelectuais imergiram no mundo do estruturalismo, um mundo que simplesmente risca do mapa a questão da modernidade e todas as outras questões a respeito da autoidentidade e da história. Outros adotaram a mística do pós-modernismo, que se esforça para cultivar a ignorância da história e da cultura moderna e se manifesta como se todos os sentimentos humanos, toda a expressividade, atividade, sexualidade e senso de comunidade acabassem de ser inventados. ...Retalharam a modernidade em uma série de componentes isolados e resistem a qualquer tentativa de integrá-los em um todo. ..O eclipse do problema da modernidade nos anos 70 significou a destruição de uma forma vital de espaço público.

O único escritor da década passada que tinha realmente algo a dizer sobre a modernidade foi Michel Foucault. E o que ele tem a dizer é uma interminável, torturante série de variações em torno dos temas weberianos do cárcere de ferro e das inutilidades humanas

[...] Foucault reserva seu mais selvagem desrespeito às pessoas que imaginam ser possível a liberdade para a moderna humanidade. ...Toda crítica soa vazia, porque o próprio critico está "dentro da máquina panóptica, investido de sus efeitos de poder, poder que conferimos a nós mesmos, já que somos parte do seu mecanismo".

Submetidos a isso por um momento, percebemos que não há liberdade no mundo de Foucault porque sua linguagem compõe uma teia inconsútil, um cárcere mais constrangedor do que tudo o que Weber sonhou, no qual nenhum sopro de vida pode penetrar. Estranho é que tantos intelectuais da atualidade parecem querer definhar lá dentro, com ele. A resposta , eu creio, é que Foucault oferece a toda uma geração de refugiados dos anos 60 um álibi de dimensão histórica e mundial para o sentimento de passividade e desesperança que tomou conta de tanto de nós nos anos 70

P 34 – **Dentro deste contexto insípido , eu gostaria de trazer novamente à vida o dinâmico dialético modernismo do século XIX.** ... O argumento básico deste livro é, de fato, que os modernistas do passado podem devolver-nos o sentido de nossas próprias raízes modernas, Eles podem ajudar-nos a conectar nossas vidas às de milhares de indivíduos que vivem a centenas de milhas, em sociedades radicalmente distintas da nossa..Eles podem iluminar as forças contraditórias e as necessidades que nos inspiram e nos atormenta,: nosso desejo de nos enraizarmos em um passado social e pessoal coerente e estável, e nosso insaciável desejo de crescimento

P 35 –

Marx, Nietzsche e seus contemporâneos sentiram a modernidade como um todo, num momento em que apenas uma pequena parte do mundo era verdadeiramente moderna. Um século depois, quando o processo de modernização desenvolveu uma rede da qual ninguém pode escapar, nem no mais remoto canto do mundo, podemos aprender de maneira considerável com os primeiros modernistas, não tanto sobre o seu, mas sobre o nosso próprio tempo. Nós perdemos o controle sobre as contradições que eles tiveram de agarrar com toda a força, a todo momento, em suas vidas cotidianas, para poderem sobreviver, afinal. Paradoxalmente, é bem possível que esses primeiros modernistas nos compreendam — a modernização e o modernismo que constitui nossas vidas — melhor do que nós nos compreendemos. Se pudermos fazer nossa a sua visão e usar suas perspectivas para nos ver e ao nosso ambiente com olhos mais desprevenidos, concluiremos que há mais profundidade em nossas vidas do que supomos. Veremos a imensa comunidade de pessoas em todo o mundo, que têm enfrentado dilemas semelhantes aos nossos. E voltaremos a tomar contato com uma cultura modernista admiravelmente rica e vibrante que tem brotado dessas lutas: uma cultura que contém vastas reservas de força e saúde, basta que a reconheçamos como nossa.

Pode acontecer então que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante: lembrar os modernistas do século XIX talvez nos dê a visão e a coragem para criar os modernistas do século XXI. Esse ato de lembrar pode ajudar-nos a levar o modernismo de volta às suas raízes, para que ele possa nutrir-se e renovar-se, tornando-se apto a enfrentar as aventuras e perigos que estão por vir. Apropriar-se das modernidades de ontem pode ser, ao mesmo tempo, uma crítica às modernidades de hoje e um ato de fé nas modernidades — e nos homens e mulheres modernos — de amanhã e do dia depois de amanhã.